

A Maior Fonte de Energia de um Povo

Reside na capacidade de o cidadão bastar-se a si mesmo, resolver seus próprios problemas—progredir êle mesmo

WALTER H. JUDD

Ex-congressista pelo Estado de Minesota

O QUE o mundo mais precisa dos Estados Unidos não é riqueza, que é um *resultado*, mas sim uma compreensão do sistema que *produziu* a riqueza. Não sou tão ingênuo a ponto de crer que qualquer sistema pode ser transplantado em pêso de um país para outro, mas sustento que os princípios básicos de liberdade individual e livre empreendimento são aplicáveis, desejáveis e extremamente úteis em qualquer parte do mundo.

Uma filosofia conservadora tem sido a maior fonte de energia dos Estados Unidos. Os conservadores são muitas vêzes chamados de reacionários pela oposição, mas há um mundo de diferença entre as duas coisas. O reacionário—e há gente dessa espécie nos Estados Unidos—quer retroceder ou, no mínimo, ficar parado. Êle detesta arriscar qualquer coisa em favor do progresso, com mêdo de perder o que já possui. No fim, o mundo deixa-o para trás—em todo e qualquer setor das atividades humanas.

O conservador norte-americano, pelo contrário, é profundamente consciente de que os tempos mudam e surgem novos problemas. Êle tenciona solucionar êsses problemas, pretende avançar, pretende progredir. *Justamente porque deseja tornar possível uma vida melhor para todos, êle é conservador.*

Pois sabe que em qualquer sistema as coisas essenciais que já se revelaram boas devem ser conservadas para alcançar êsses fins bons. Êle quer conservar o sistema de oportunidade individual sôbre o qual se fundaram os Estados Unidos, porque sabe que essa é a única maneira de avançar.

O liberal norte-americano atual, pelo contrário, concentra-se nas imperfeições da sua sociedade. Tendo aparentemente perdido a fé na capacidade e na abundância de recursos do indivíduo e do govêrno local e estadual, sustenta que os problemas dos Estados Unidos podem ser mais bem solucionados por um governo centralizado, compacto e

onipotente—por meio de contrôles, subsídios e donativos federais. Êle acredita em tirar o dinheiro do povo e reparti-lo parcimoniosamente por êste nas condições por êle estabelecidas. A bolsa nacional, flanqueada por um constante desfile de novas leis, novos programas e novos órgãos federais, parece-lhe constituir a solução para tudo.

Ê a solução mais falta de imaginação que existe. E, naturalmente, é o caminho para o domínio pelo govêrno—um *passo atrás* para um sistema que foi experimentado reiteradamente no mundo inteiro e se revelou menos bem sucedido do que o sistema norte-americano. Insisto em que o verdadeiro reacionário da nossa época é extremado. Êle é o único que deseja fazer o relógio andar para trás.

Aos que desejam um govêrno poderoso dirigindo tudo, sugiro que lancem os olhos pelo mundo e vejam o que está ocorrendo. Considerem, por exemplo, o Japão. O General MacArthur jogou fora o velho sistema de contrôle completo pelo govêrno e liberou as energias do povo japonês. Em consequência disso, o Japão conseguiu progredir mais e mais rapidamente que nunca. Seu desenvolvimento econômico tem atingido 15% ao ano.

Formosa, hoje, economicamente é talvez o ponto mais brilhante de todo o mundo subdesenvolvido. Os fazendeiros são donos da própria terra. O país agora tem uma balança comercial favorável. A moeda é só-

lida. O crescimento econômico anual é de mais de 6%. Por que aconteceu isso? Em boa parte porque Formosa, utilizando judiciosamente ajuda estrangeira, teve o bom senso de pôr em ação muitos dos princípios dinâmicos do livre-emprego.

O exemplo mais espetacular é o contraste entre Berlim Ocidental e Berlim Oriental ou, em quadro mais amplo, entre a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental. Aí temos os dois sistemas lado a lado, tendo à testa pessoas do mesmo grupo étnico. De um dos lados da linha vemos as livres energias produtoras do povo a tôda velocidade, criando uma extraordinária prosperidade; do outro, vemos contrôles estatais, produção diminuída, frustração, estagnação econômica e—enquanto o muro de Khrushchev não as deteve—pessoas fugindo para o Ocidente às dezenas de milhares.

Sempre que cito exemplos de dominação governamental do lado comunista do mundo, meus amigos liberais protestam em altos brados que detestam o comunismo tanto quanto nós, conservadores. Certamente êles não são comunistas. Mas uma nação pode recusar o credo comunista e ainda assim cair vítima dos males do govêrno monolítico. E é *verdade* que os Estados Unidos vêm há mais de 30 anos caminhando passo a passo pela estrada traiçoeira que leva à dominação pelo govêrno.

Deixar o Caminho Aberto. Imagine-se por um momento que os Estados Unidos tivessem tido des-

de o comêço um tipo de govêrno central e paternalista que tomasse conta das vidas de seus cidadãos e dissesse a todos o que fazer. Nesse caso, um telegrafista meio surdo, com pouca instrução escolar—seu nome era Thomas Edison—teria de ir de chapéu na mão à procura de uma repartição do govêrno para obter permissão para iluminar o mundo. E um mecânico de camisa azul chamado Henry Ford, que passasse as noites inventando coisas na oficina do quintal de sua casa, teria sido obrigado a perguntar a algum funcionário do govêrno se, por favor, êle poderia pôr a nação sôbre rodas. Ambos, está claro, teriam sido despachados, seus gênios sufocados, seus sonhos enterrados em algum empoeirado arquivo burocrático.

O caminho da oportunidade deve ser mantido aberto para gente assim —e para tôdas as outras pessoas, quer de maior, quer de menor talento. Quero que qualquer pequena emprêsa, com um homem de visão, um homem íntegro dirigindo-a, tenha sua oportunidade. Faz parte da filosofia conservadora ter uma crença suprema na capacidade do indi-

víduo para progredir êle mesino, fazer progredir sua família e sua pátria.

Os “sabichões” do govêrno onipotente são altamente persuasivos. Têm uma linha sedutora de mercadorias a oferecer—panacéias para todos os males, empregos e segurança para todos, quer trabalhem muito, quer não. Êles convenceram um bocado de gente de que a utopia já chegou. Basta pagar os impostos, votar na legenda e as bênçãos materiais continuarão a fluir.

Nós, conservadores, não caímos nesse canto de sereia. Somos teimosos em nossa recusa de tentar alcançar tôdas as metas nacionais pela alarmante concentração de mais poderio nas mãos do Govêrno Federal. Estamos resolvidos a alcançar maior desenvolvimento econômico, mais empregos, melhor saúde e oportunidades educacionais para todos e um melhor futuro para os desprivilegiados. Desejamos estas coisas apaixonadamente. Mas sabemos que nos Estados Unidos, historicamente, êsse progresso veio não de uma filosofia do “céu para todos”, mas de aplicação das energias individuais, não obstadas pela pesada mão do govêrno.

GRACE COOLIDGE foi a espôsa de Calvin Coolidge, Presidente dos Estados Unidos de agôsto de 1923 a março de 1929. Quando se faziam os preparativos para pintar o retrato dela, que está no Salão Chinês da Casa Branca, o artista sugeriu que ela usasse um vestido vermelho para contrastar com seu cachorro *collie* branco. Mas o Presidente Coolidge fêz questão de um vestido de brocado de cetim branco, de que muito gostava, dizendo, com ar solene:

—Ela pode usar o vestido branco, e nós podemos tingir o cão.

—Ishbel Ross, *Grace Coolidge and Her Era* (Dood, Mead, ed.)